



## **Mudança Política e Discurso: análise das Estratégias Discursivas dos jornais O Estado do Maranhão e Jornal Pequeno ”<sup>1</sup>**

Romulo Fernando Lemos GOMES<sup>2</sup>  
Francisco Gonçalves da CONCEIÇÃO<sup>3</sup>  
Faculdade São Luís, São Luís, MA

### **RESUMO**

A dissidência do governador José Reinaldo Tavares do grupo Sarney abalou a estrutura política hegemônica maranhense. A nova cena política provocou uma mudança no discurso jornalístico local. A mudança na prática discursiva é analisada em jornais situados em pólos extremos do mercado simbólico, O Estado do Maranhão e Jornal Pequeno. Nas primeiras páginas desses jornais são deixadas marcas que apontam para uma cobertura jornalística definida pelo jogo de interesse político. Os mecanismos de enunciação permitem descrever os efeitos de sentido investidos pelas estratégias de discurso desses jornais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mudança Discursiva; Jornalismo; Poder; Estratégias Discursivas

### **Introdução**

Os textos que analisamos, segundo a Teoria Social do Discurso, são “um conjunto de ‘traços’ do processo de produção, ou um conjunto de ‘pistas’ para o processo de interpretação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109). Neste estudo, buscamos marcas discursivas nas edições dos meses de abril a julho de 2004 dos jornais *O Estado do Maranhão* e *Jornal Pequeno*. No período, observamos a transformação nas ordens de discurso desses jornais provocada pela dissidência política de José Reinaldo do grupo Sarney.

Elegemos como pistas materiais a mistura de linguagem verbal (texto) e imagens, sem esquecer de associá-las às práticas socioculturais pelas quais foram geradas. Elas compreendem, principalmente, os títulos, manchetes, fotografias, texto e contexto.

Os jornais em estudo são concorrentes no mercado da notícia. Na análise comparativa de suas primeiras páginas, procuramos pontos divergentes e convergentes acerca da atuação do discurso jornalístico. Fundamentamo-nos nas categorias propostas por Charaudeau (2000, p. 219) acerca das estratégias do discurso.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Endocom – Encontro de Informação em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Especialista em Assessoria de Comunicação pela Faculdade São Luís, email: romulogomes21@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professor Doutor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, email: franciscogoncalvesdaconceicao@gmail.com



Essas estratégias correspondem às “possíveis escolhas que os sujeitos podem fazer de enunciação do ato de linguagem” (*op cit*). As estratégias de discurso têm a ver com os processos de convencimento pela linguagem. Nesta perspectiva que percebemos relação entre as categorias de Charaudeau e os lugares de prova propostos pela *techné rhetoriké* de Aristóteles.

A retórica retornou às discussões sobre o uso estratégico da linguagem com a crescente importância dos espaços midiáticos como lugar de disputa de poder/saber pelo discurso. Na análise do discurso contemporânea, encontramos em Milton Pinto (1999) classificações para pensarmos as modalidades discursivas, que propõe a classificação em *modos de dizer*.

A análise discursiva das primeiras páginas dos jornais em epígrafe é a abalizada pela conjugação dessas três propostas de compreensão do discurso. Partimos das estratégias de discurso, relacionando-as com os lugares de argumentação da técnica retórica e os *modos de dizer* da AD contemporânea. Correlacionamos essas categorias em tríades: legitimação/*ethos*/modos de mostrar; captação/*pathos*/modos de interagir; credibilidade/lógica/modos de seduzir. Esta correlação não tem a pretensão de sugerir conceitos unívocos. Procuramos aspectos em que essas classificações se assemelham, adequando-as ao nosso objeto de análise.

## **2. PRIMEIRAS PÁGINAS: EMBARAÇOS POLÍTICO-MIDIÁTICOS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS**

O período em análise é propício para observar o processo de mudança discursiva em *O Estado do Maranhão* e *Jornal Pequeno*. Diante de uma reestruturação hegemônica, os jornais passaram a construir novos cenários e efeitos de sentidos sobre a política maranhense. As novas posturas editoriais requereram, ainda, dos jornais um movimento de reconstrução de suas próprias imagens, a fim de sustentar sua posição de verdade.

Nesta perspectiva, deparamo-nos com a estratégia discursiva de legitimação, que objetiva determinar a posição de autoridade do sujeito. A legitimidade decorre do julgamento de uma ação, vista ou não como legítima. Quando se trata do uso da linguagem, a autoridade de uma pessoa para dizer o que diz deve ser legitimada por seus interlocutores.

A linguagem de autoridade governa sobre a condição de contar com a colaboração daqueles a quem governa, ou seja, graças à assistência dos mecanismos sociais capazes de produzir tal cumplicidade, fundada por sua vez no desconhecimento, que constitui o princípio de toda e qualquer autoridade (BOURDIEU, 1996, p. 91)



Em nosso estudo, o jornal é o lugar institucional onde os discursos e agentes políticos buscam obter ou manter uma posição de autoridade. Percebido pelo senso comum como um discurso fundado na reprodução do real, o jornalismo é reconhecido por ser uma prática discursiva que profere a verdade. Por isso, este campo é visto como estratégico para legitimar outros campos, fator que explica porque a política recorre ao espaço jornalístico para ter reconhecida sua autoridade.

A estratégia discursiva de legitimação pode ser pensada também à luz da *techné rhetoriké*, que tem no uso estratégico da linguagem o seu cerne. Assim, ao criar um caráter ou imagem de si mesmo ou das fontes que ganham propriedade de fala em seus espaços, os jornais recorrem ao lugar de prova do *ethos* (prova ética). Isso significa que são mobilizadas provas que conduzem a recepção a julgar o discurso em seu caráter de verdade ou de verossimilhança. Conquistar a “confiança do público abre caminho para a persuasão” (PINTO, 2004, p. 18).

Numa dimensão dialógica, os dois jornais expõem visões contraditórias, com a pretensão de impor suas verdades. Os discursos de *O Estado do Maranhão* e do *Jornal Pequeno* são investidos da estratégia discursiva de legitimação como forma de construir ou desconstruir a autoridade dos sujeitos que neles aparecem. Isto porque o efeito de sentido do que é dito está condicionado à legitimidade de quem o diz. Os jornais recorrem ao *ethos* para produzir provas que garantam a eficácia dos dispositivos de enunciação, a fim de conquistar a confiança dos (e)leitores.

Essa estratégia teria a função de mostração, que para Milton Pinto (1999, p. 64, grifos do autor) consiste em “construir o *referente* ou *universo de discurso* ou *mundo* do qual seu texto fala”. Nos jornais analisados, percebemos que essa estratégia é mobilizada em dois sentidos. No *Jornal Pequeno*, há um realce da autoridade do governador José Reinaldo e conseqüente desqualificação dos membros do grupo Sarney. Já em *O Estado do Maranhão* começa, por assim dizer, uma campanha para deslegitimar o governador José Reinaldo Tavares e sua administração. Chamamos essa estratégia *discursiva de legitimação pela depreciação/exaltação*.

Nas edições de abril de 2004 dos jornais em estudo, encontramos indícios de uma crise no grupo Sarney – o novo cenário político começa a se desenhar no Maranhão. Neste mês, em especial, a CPI do Caso dos Meninos Emasculados<sup>4</sup> ganha amplo espaço na cobertura dos

---

<sup>4</sup> Trata-se do assassinato, quase sempre acompanhado pela emasculação, de mais de 30 meninos na Grande São Luís, entre os anos de 1991 e 2003. Em 2004, a Assembléia Legislativa do Maranhão instaurou uma CPI da exploração sexual infantil. O caso ganhou bastante visibilidade nos meio de comunicação.



jornais locais. Por ser um acontecimento que causou comoção social, sua aparição em destaque nas primeiras páginas d’*O Estado* poderia justificar a minimização de matérias relacionadas a ações do governo José Reinaldo Tavares.

Entretanto, esse *modo de mostrar* com menor ênfase já seria reflexo dos embaraços políticos entre o governador e a família Sarney. Esta visão é reforçada pela maneira como os acontecimentos que envolvem o governo passam a ser representados no *Jornal Pequeno*, concorrente d’*O Estado* e declarado adversário dos Sarney.

O *JP* continua seu oposicionismo ao grupo Sarney, porém as ações do governo ganham *exaltação* na cobertura do jornal. Essa estratégia visa à ratificação da autoridade institucional de José Reinaldo, enquanto detentor de poder e agora dissidente do seu grupo político. Em *O Estado do Maranhão* a *depreciação* se expressa por uma diminuição progressiva do espaço de fala do governador, portanto de sua autoridade. Tais conjecturas podem ser comprovadas pelas marcas deixadas nas primeiras páginas dessas publicações.

Em 03 de abril de 2004, o *JP* traz a manchete “Reinaldo extingue a Metropolitana e abala a candidatura de Ricardo Murad”. O texto, com destaque para o uso da forma lexical “abala”, vem acompanhado das fotos do governador dando entrevista e do ex-gerente metropolitano, Ricardo Murad, com expressão de uma pessoa “abalada”. A notícia sugere uma discórdia entre o governador e o pretense candidato do grupo Sarney à Prefeitura de São Luís. Percebemos, assim, que começa a ser construída a idéia de incompatibilidade entre as ações de José Reinaldo Tavares e os interesses do seu grupo político.

A extinção da gerência ganha enfoque diferente em *O Estado*. O jornal anuncia mudanças na equipe do governo, incluindo a extinção da Metropolitana. Entretanto, o fim da Gerência não é exposto como uma afronta à candidatura de Murad. A manchete “Extinta Gerência Metropolitana” é precedida do título “governador apresenta novos auxiliares e alteração no organograma do governo”, com destaque para a palavra “mudança”, grafada em vermelho. Esta ênfase sinaliza muito mais que alterações no governo; ela quer *mostrar* que o governador passara a ocupar uma nova posição, contrária ao grupo Sarney. O jornal passa a produzir provas que comprovem a ineficácia dessa mudança de posição.

Em todo o mês de abril do referido ano, em apenas duas edições de *O Estado do Maranhão*, os acontecimentos do Governo José Reinaldo foram manchete, com direito a foto principal. Neste período, o jornal ainda mantinha um posicionamento favorável ao governador, mas sem dar destaque às suas “realizações”. O governo aparece em 13 chamadas de primeira página, sempre situadas em lugar menos privilegiado: abaixo da dobra, no canto direito (lembramos que no ocidente a leitura parte da direita para a esquerda etc.). Nossa



metodologia de análise de discurso não usa técnicas estatísticas, mas neste momento ela nos pareceu importante, porque traduz a estratégia de legitimação por *depreciação*. O jornal minimiza a aparição do governador no espaço do jornal e por vezes até o silencia.

Essa aparição minimizada coincide com o período em que o jornalista Marcos D’êça nos relatou ter ocorrido a reunião entre o Secretário de Comunicação do Governo do Estado e os diretores do jornal *O Estado do Maranhão*. Sérgio Macedo teria apresentado relatório indicando uma cobertura sem destaque às ações governamentais. A ex-primeira-dama, Alexandra Tavares, também teria reclamado pelo pouco espaço que recebia no jornal.

A crise que culminou com a dissidência de José Reinaldo do Grupo Sarney não foi apenas uma batalha política, mas também uma luta pela hegemonia das falas. Ocorre um jogo de forças para construir ou desconstruir a autoridade desses sujeitos, de acordo com o interesse dos jornais. Há, portanto, uma busca pela legitimação dessas falas.

Antes mesmo de ter um embate, digamos, pessoal entre os dois políticos, houve uma disputa discursiva por meio dos jornais. A cobertura do *Jornal Pequeno* traz também essa evidência, já que começou a dar um enfoque positivo às ações do governo antes mesmo de José Reinaldo ter rompido politicamente com a família Sarney. José Reinaldo deixou o PFL e anunciou sua filiação ao PTB em 7 de dezembro de 2004 (SÁ, 2005).

Em 17 de abril de 2004, o *JP* tem como matéria principal a reunião entre o então Presidente do STF, Edson Vidigal e José Reinaldo, para discutir a implantação do projeto “Cidade do Judiciário”. A primeira página do jornal traz foto colorida, o que não é muito comum no periódico, com destaque ao ministro, ao governador e à primeira-dama, Alexandra Tavares.

Nas edições de abril de *O Estado*, ainda não observamos uma oposição deliberada ao governo José Reinaldo. Mas a cobertura minimizada, seguida de certo silenciamento nos meses seguintes, sugere a perda de autoridade do governador para ocupar com destaque aquele espaço de fala.

Embora sem aparecer com frequência nas edições de abril, Roseana Sarney tem espaço privilegiado quando quer difundir suas idéias. Em 25 de abril de 2004, a senadora aparece em foto principal, acompanhada do título “Roseana prevê crescimento e cobra reforma administrativa”. A manchete vem antecedida pelo pré-título “ENTREVISTA Senadora faz balanço do governo Lula e participará da campanha”. Sua aparição destacada naquele momento tem a ver com as estratégias performáticas para assegurar seu lugar legítimo de fala, como preparativo para a campanha às eleições municipais.



Quando *O Estado do Maranhão* apresenta a senadora Roseana Sarney falando sobre o panorama político do estado, o jornal reforça a posição de autoridade dessa agente, preparando-a para o *tempo de política* que se configurava. Esse *status* permite que a senadora legitime seu espaço de fala (o jornal) ao mesmo tempo em que corrobora sua posição de legitimidade.

No *Jornal Pequeno*, observamos um realce positivo da aproximação do governador com o prefeito de São Luís, Tadeu Palácio. José Reinaldo Tavares ganha posição de autoridade, por se mostrar predisposto a alianças em benefício da capital maranhense. Em 05 de maio de 2004, o periódico assinala os convênios de cooperação entre os governos estadual e municipal. A foto que ilustra o encontro entre José Reinaldo Tavares, Tadeu Palácio e suas respectivas primeiras-damas, Alexandra Tavares e Tati Palácio, é bastante significativa. Os atores em cena estão em clima de descontração e cordialidade.

Tomando por base as formações discursivas e suas relações com o poder, tentamos demonstrar como a política se apropria do discurso jornalístico para se legitimar socialmente. Um efeito de sentido condicionado pela autoridade do discurso jornalístico. Ao negociar com a política, os jornais buscam provas para construir ou desconstruir a autoridade dos sujeitos. A legitimidade é construída aos olhos dos interlocutores. Isso nos remete a outro espaço das estratégias de discurso: a credibilidade.

## 2.1 Quem diz a verdade?

A dissidência de José Reinaldo do grupo Sarney tem explicações diversas e contraditórias. Percebemos que não há motivação única, mas uma reunião de fatores-cause da crise política. Na instância jornalística, o acontecimento foi reconstruído numa disputada pela busca e apresentação de provas do *dizer o verdadeiro*. Os jornais *O Estado do Maranhão* e *Jornal Pequeno* recorrem a “artifícios” enunciativos para comprovar a existência dos fatos que veiculam ou mesmo para explicar o ponto de vista neles apresentado.

Estes artifícios exprimem a estratégia discursiva da credibilidade, que consiste em definir “o caráter de veracidade dos propósitos de uma pessoa (“o que ele diz é verdadeiro”) ou de uma situação (“essa situação é confiável”)” (CHARAUDEAU, 2004, p. 143). Ao utilizar essa estratégia de discurso, o enunciador tenta determinar a sua posição de verdade e, conseqüentemente, a confiabilidade daqueles aos quais faz referência.

Charaudeau (2004, p. 143) prefere pensar essa estratégia em termos de “credibilização”, visto que o autor a considera “um *estado* ou um *processo*”. Portanto, para

que um sujeito tenha seu discurso aceito como confiável, ele precisa entrar num processo de construção de credibilidade. Com o propósito de dar credibilidade ao que enuncia, o sujeito falante pode adotar três tipos de posicionamento: neutralidade, engajamento e distanciamento. Na análise das primeiras páginas de *O Estado do Maranhão* e do *Jornal Pequeno*, percebemos a preeminência do engajamento, que consiste em se tomar posição na “escolha dos argumentos ou na escolha das palavras, ou por uma modalização avaliativa associada a seu discurso” (CHARAUDEAU, 2004, p. 143).

As duas publicações apresentam dados para comprovar a existência dos fatos e, principalmente, recorrem a vozes autorizadas como estratégia para conferir valor de verdade ao que enunciam. Na técnica retórica, tal estratégia corresponde à prova lógica. De acordo com Milton Pinto (2004), Aristóteles pensou este lugar de argumentação pela via da verossimilhança, ou seja, aquilo que o sujeito demonstra ou prova demonstrar não diz respeito propriamente à verdade, mas a um simulacro da realidade pelos discursos.

Em *O Estado do Maranhão* e no *Jornal Pequeno*, os *modos de seduzir* são acionados com vistas a construir ou desconstruir a credibilidade da hegemonia política que reconhecem ou querem ver reconhecidas. Na edição de 16 de maio de 2004, *O Estado* traz a manchete “Roseana saneou o Estado e deixou dinheiro em caixa”. A produção dessa notícia foi uma resposta a declarações do deputado Aderson Lago de que a ex-governadora teria aumentado a dívida do Estado para R\$ 6 bilhões. Como uma espécie de porta-voz oficial de Roseana Sarney Murad, o jornal faz imediatamente sua defesa. Tenta-se reunir provas da eficiente atuação dela a frente do Governo do Maranhão.

A manchete acima ressalta que Roseana, muito mais do que ter diminuído a dívida, saneou as contas oficiais e ainda deixou dinheiro em caixa para o seu sucessor. Este discurso tem como efeito de sentido a transferência de responsabilidade pela dívida do Estado. A ex-governadora é eximida da culpa pelos débitos, cuja origem teria sido em governos anteriores. Além disso, segundo o jornal, ela reduzira a dívida até o momento de sua renúncia em 2002. O crescimento do montante ficou, portanto, a cargo do governador José Reinaldo Tavares, que não soubera administrar o dinheiro deixado em caixa por Roseana.

A matéria é carregada de números, com a avaliação de assessores do Governo Roseana, como forma de reunir provas para confirmar a “verdade” ali apresentada. Na arena discursiva, o *Jornal Pequeno* rebate a informação veiculada pelo jornal opositor.

Nas primeiras edições que sucederam à defesa de Roseana Sarney Murad, o *JP* tratou o assunto com pouca ênfase. Em 20 de maio de 2004, expõe chamada de capa com foto do deputado Aderson Lago, mostrando sua mobilização para a abertura de uma Comissão

Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o endividamento do Estado. Mas em 23 de maio de 2004, o jornal é contundente: “Roseana deixou o governo com dívida de R\$ 5,6 bilhões”. A afirmação é baseada em documentos oficiais, com a função de *seduzir* e destruir as provas do adversário. A manchete é precedida do título “Documentos Revelam”.

A primeira página do jornal apresenta fotos dos principais atores envolvidos na questão: Aderson Lago, Edson Lobão, Roseana Sarney e José Reinaldo Tavares. A legenda é bastante explicativa do cenário que o jornal pretende desenhar: “Dados oficiais revelam que Roseana herdou do governo Lobão uma dívida de R\$ 1.893.700,221,12 e aumentou para R\$ 5.636.234.292,05, quase seis bilhões, o que reflete, hoje, o governo José Reinaldo, prejudicado, também, pelas perdas de receitas, principalmente do FPE”. O *JP* intenta fixar a versão de que o governo Roseana Sarney trouxe prejuízos ao Maranhão, o que dificultava a gestão de José Reinaldo.

O *Jornal Pequeno*, ao falar sobre a responsabilidade da ex-governadora pela dívida do Estado, também aciona agentes com discursos autorizados para tratar do assunto. Em 18 de maio de 2004, ao tratar da possível abertura de uma CPI para investigar o endividamento, o *JP* expõe os atores sociais que defendiam a instauração da Comissão: os deputados Aderson Lago e Julião Amim. Assim, o jornal prova a *existência* do fato, reproduzindo-o não como um discurso próprio, mas como recorte dos discursos autorizados de outros.

Os jornais apresentam seus argumentos como uma convicção, buscando no discurso do outro suporte para partilhá-la com os interlocutores. O *JP* afirma: “Em discursos, na tribuna, os dois parlamentares voltaram a acusar a ex-governadora Roseana Sarney (PFL) de ter triplicado a dívida do Maranhão”. O *Estado do Maranhão* rebate: “Os deputados Max Barros, César Pires e Chico Gomes reafirmaram ontem que as contas do Estado foram saneadas na gestão de Roseana Sarney”.

A mudança discursiva d’*O Estado* é conduzida no sentido de desconstruir a credibilidade do governador José Reinaldo. Ora o apresentando como incompetente e inerte; ora o silenciando. Em 27 de maio de 2004, o jornal anuncia “Construção de siderúrgica deve ser iniciada até 2005”. A manchete é acompanhada da foto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em conferência sobre Combate à Pobreza, realizada pelo Banco Mundial em Xangai, na China.

No mesmo período em que o presidente esteve neste país, o governador José Reinaldo Tavares também participou de uma série de negociações visando à implantação de uma siderúrgica no Maranhão. Entretanto, a cobertura de *O Estado* é centrada em Lula, construindo a idéia de que o presidente foi o principal articular do possível empreendimento





dos chineses na capital maranhense. O texto chega a assinalar a presença de outras autoridades na reunião, porém não há menção ao governador.

O enfoque voltado ao presidente caracteriza os critérios de seleção das fontes para ocupar o espaço do jornal. A intenção do silenciamento ou supressão do nome de José Reinaldo Tavares em matérias com abordagem positiva é a desconstrução de sua credibilidade. O efeito de sentido que o jornal tenta impor caminha para a caracterização de um governante com fraca influência nas negociações.

No *Jornal Pequeno*, a negociação com os chineses para implantação da siderúrgica não tem grande destaque. Mas o jornal deixa clara a presença e participação do governador junto ao presidente. Inclusive, ao anunciar a vinda de Lula ao Maranhão, o *JP* de 28 de maio de 2004, coloca foto dos políticos lado a lado. A chamada tem o título “Lula acerta com Zé Reinaldo vinda ao MA em julho”. Nesta data, o *Estado do Maranhão* também noticia a visita de Lula ao Maranhão, porém sem citar no título o nome do governador. Apenas no texto há menção de que a visita é resultado de convite feito por José Reinaldo.

A postura editorial d’*O Estado* tem bloqueio recíproco. O governo José Reinaldo passa a limitar a presença dos veículos de comunicação do Sistema Mirante em, por exemplo, entrevistas coletivas. Em 17 de julho de 2004, na primeira página não é mencionado que o jornal não fora convocado para a entrevista na qual foi desmentida a aproximação política do governador com o prefeito Tadeu Palácio. Mas recorrendo ao texto da editoria de política, encontramos a informação de que os repórteres do jornal tiveram acesso à “negação” por meio de *realese* da Assessoria de Comunicação.

Esta edição é rica para evidenciarmos o uso da lógica na construção do argumento. A informação veiculada no dia anterior pelo jornal é provada por uma seqüência de fotos em que aparecem José Reinaldo e o Prefeito Tadeu Palácio. As fotos contrastam com a refutação do governador. A fotografia é usada como prova contundente da ligação.

Como assinalado anteriormente, a credibilidade é um estado; portanto, ela deve ser construída. Além de dar maior espaço de fala ao governador José Reinaldo, o *Jornal Pequeno* se movimenta em prol da construção da credibilidade da primeira-dama, Alexandra Tavares. Anteriormente presente apenas em foto, a primeira-dama recebe o selo de credibilidade para falar no jornal a partir da edição de 07 de junho de 2004.

O jornal repercute declarações feitas por Alexandra Tavares ao jornal *O Globo*. A manchete do dia é: Crise no Maranhão ganha repercussão nacional. Alexandra Tavares declara ao jornal: “No Maranhão, quem nasce em berço de ouro é o máximo; fora disso é o resto”. O texto deixa evidente que a primeira-dama seria o pivô das rivalidades entre José



Reinaldo e Roseana Sarney. Essa é a versão que mais persiste como causa desse rompimento político.

Podemos dizer, antecipando conclusões, que a reestruturação discursiva dos jornais é permeada por dois movimentos: a ascensão de novas vozes e pela ratificação de outras no espaço jornalístico local. A escolha por um desses movimentos é marcada pelos interesses pela manutenção ou mudança da hegemonia política. Os jornais selecionam como fontes, aquelas que julgam confiáveis.

## 2.2 Captação de (e) leitores

A produção da notícia se dá na relação entre jornalistas, fontes e leitores. Nesta relação encontramos outro espaço de realização das estratégias de discurso: o da captação. Por ela, o enunciador visa a “seduzir ou persuadir o parceiro da troca comunicativa” (CHARAUDEAU, 2000, p. 93). Em especial, os leitores são levados a partilhar valores e emoções sugeridos pela enunciação. Esta estratégia expressa bem a intencionalidade discursiva dos jornais aqui analisados.

Os leitores, percebidos como potenciais eleitores, são levados a partilhar conhecimentos e idéias de forma que lhes permitam entrar no universo de pensamento do enunciador. A nosso ver, os jornais *O Estado do Maranhão* e *Jornal Pequeno* recorrem às duas atitudes possíveis na estratégia discursiva de captação para persuadir os leitores: a) a instauração de uma *polêmica* e; b) a *dramatização*. Segundo Charaudeau (2000, p. 93), pela *polêmica*, os interlocutores são levados “a questionar certos valores que seu parceiro defende (ou um terceiro a que faz referência), ou a questionar a própria legitimidade do parceiro”. Já a *dramatização* “se apóia mais em crenças do que em conhecimentos para forçar o outro a experimentar certas emoções”.

Por isso, acreditamos que a captação se assemelha ao lugar de prova patética, da técnica retórica. Os jornais buscam provocar um *pathos*, ou seja, uma paixão no público. Os comportamentos e ações expressados nos discursos fazem com que a recepção fique mais disposta a julgá-las. Nos jornais *O Estado do Maranhão* e *Jornal Pequeno*, o despertar dessa paixão é induzida pelos *modos de interagir*, pelos quais o enunciador interpela ou estabelece relações de poder com o coenunciador. A intenção aqui é cooptar o receptor, levando-o a reforçar hegemonias pré-existentes ou modificá-las. Aristóteles em sua *Arte Retórica* (PINTO, 2004) analisa o *pathos* por grupos de contrários: cólera/calma; amizade/ódio; medo segurança etc.



Os episódios da crise financeira do Estado e o da candidatura de Ricardo Murad evidenciam o uso da estratégia de captação, no momento em que se começa a desenhar o rompimento do governador José Reinaldo Tavares com o grupo Sarney. Os discursos dos jornais, de acordo com a orientação de cada um, buscam marcar as diferenças entre os blocos políticos do estado, configurando-os como competente/incompetente; leal/infiel; bom/mal.

A edição de 11 de maio de 2004 de *O Estado do Maranhão* tem como chamada na parte superior do jornal o título “João Alberto volta a falar em unidade”. O texto diz que o senador e presidente do PMDB no Maranhão defendeu a união do seu grupo político em torno da candidatura de Ricardo Murad. A chamada de primeira página sugere a instauração de um dissenso acerca do candidato apoiado pela família Sarney. O principal dissidente desse pensamento seria o governador José Reinaldo.

Observamos que *O Estado* começa a tentar persuadir o público de que, ao se desligar de suas diretrizes partidárias, o governador estaria sendo infiel, portanto, um traidor. Essa idéia é reforçada pelo acontecimento que consideramos estopim para o rompimento em epígrafe. Em 16 de julho de 2004, a primeira página do jornal dá conta da “Ligação” entre José Reinaldo e o prefeito Tadeu Palácio, adversário de Murad nas eleições daquele ano. O título “Governador se aproxima mais do PDT” é acompanhado de uma foto do governador junto com o prefeito, no pátio da residência oficial do chefe do executivo, prova irrefutável da aproximação. O texto ratifica que a ligação entre os políticos era uma “versão corrente”, sendo fortalecida com aquele ato.

No *Jornal Pequeno*, a boa relação entre o governador José Reinaldo e o Prefeito Tadeu Palácio aparece desde edições de maio de 2004. Em 05 de maio, o *JP* ressalta o caráter institucional dessa ligação. A manchete “Reinaldo e Tadeu acertam convênios em benefício de São Luís” tem um forte apelo ao *pathos*. Com a intenção de tornar mais favorável o julgamento do público sobre tal aproximação, o jornal constrói a informação mostrando que os políticos estão se unindo em “benefício” da capital.

A crise financeira do Estado é explorada ao extremo pelo jornal de Sarney. No mês de junho, há uma sucessão de matérias de primeira página que remetem ao mau momento vivido pela gestão José Reinaldo. Em 04 de junho de 2004, na parte superior da página tem uma chamada sobre o pedido de demissão de mais um gerente. Suely Tonial, gerente de qualidade de vida, pede para sair do governo por causa da crise financeira.

Na mesma data, o *Estado do Maranhão* traz a manchete “Governador explica cortes ao Legislativo e Judiciário”, precedida do título “REUNIÃO Governo corta 30% das despesas para ajustar contas e pede apoio”. No texto é informado que o governador estaria tomando



várias medidas para ajustar as contas do Estado. Mas o jornal explicita: “Entre essas medidas, está a redução de despesas de custeio e pagamento de servidores em 30%”. Percebemos a intenção de criar um efeito de sentido que desperte uma revolta nos leitores, principalmente nos servidores públicos estaduais, ameaçados de ter seus vencimentos reduzidos.

A estratégia discursiva tem efeito imediato. Dois dias após a oficialização das mudanças promovidas pelo governo do Maranhão, o jornal apresenta como chamada de capa o início da articulação de professores da rede estadual por melhores salários. O título “Professores realizam protestos” está colocado abaixo da dobra do jornal, mas ganha destaque por estar dentro de um quadro intitulado “Mobilização”. A fotografia com diversos professores reunidos no movimento também sugere a comoção do público provocada pela crise desencadeada na administração de José Reinaldo.

O *Jornal Pequeno*, por sua vez, cobre esse momento com realce a aspectos das mudanças que marcam o rompimento com o Governo Roseana Sarney Murad. Em 05 de junho de 2004, anuncia: “Gerências adjuntas, agências e vários cargos serão extintos”. A notícia não deixa de frisar que

os servidores públicos estaduais não sofrerão atraso no pagamento de seus salários. Reinaldo assegurou que o Maranhão está passando por uma fase difícil, mas afirmou que o enxugamento da máquina é consequência da perda de R\$ 400 milhões que deixaram de ser transferidos da União (JORNAL PEQUENO, 05 de junho de 2004).

O *Jornal Pequeno* responde à polêmica instaurada por *O Estado do Maranhão*. Ademais, recorre a argumentos que sugerem uma clivagem e rompimento com o governo anterior. A estratégia da prática discursiva acompanha os atos da prática social. José Reinaldo Tavares faz questão de mudar até mesmo a denominação de suas assessorias, de Gerências para Secretaria.

*O Estado do Maranhão* acompanha os acontecimentos relacionados à reforma administrativa, porém sempre com destaque às audiências públicas realizadas com assessores do governo para explicar a crise. Neste momento, as rivalidades políticas são minimizadas no espaço deste jornal em detrimento da aparição de Roseana Sarney em arraiais da capital. Desde a edição do dia 11 de junho até o mês de julho, quando acontece o “Vale Festejar”, ela sempre aparece nas primeiras páginas do jornal, seja tocando matraca, pandeirão ou mesmo acompanhando os passos das índias dos bois. Consideramos esse movimento de *dramatização*. O *tempo de cultura* é fortemente utilizado como momento para a performance dessa agente, tendo como estratégia de captação o carisma da senadora.



Entendemos que a ênfase dada pelo jornal a essa performance tem como objetivo despertar nos leitores as mesmas emoções vividas pela senadora. Isso os conduziria a uma identificação com essa agente, que como todo “bom maranhense”, se encanta com as manifestações juninas do estado. Mas *O Estado do Maranhão* não deixa de reforçar a projeção e participação de Roseana Sarney Murad no cenário político nacional. Ao lado da imagem da senadora tocando matracas junto com um cazumbá, o jornal, em 21 de junho de 2004, expõe a chamada “MINIMO Presidente da Câmara destaca a importância de Sarney e Roseana.

Um fator que chama atenção é o total silenciamento de *O Estado do Maranhão* sobre os arraiais promovidos pelo governo. A cobertura é focada no Arraial do Maranhão, promovido pelo Sistema Mirante, e no projeto Caixa de Surpresa, idealizado pela Caixa Econômica Federal com apoio e presença constante da senadora Roseana Sarney Murad; as notícias dos arraiais oficiais ficam por conta do *Jornal Pequeno*, mas sem muito relevo. No dia 23 de junho de 2004, a programação realizada pelo governo ganha chamada de capa no JP, porém localizada na parte inferior da primeira página. Essa pouca ênfase sugere que o espaço da cultura não é visto como estratégico para persuadir o público e construir uma imagem sobre o governador e sua gestão.

O cerne do discurso do *Jornal Pequeno* está na proeminência de uma “ruptura” entre o governador José Reinaldo Tavares e a família Sarney. Todo o esforço discursivo da publicação é voltado para provar a incompatibilidade entre a nova postura do governador e as ações de um grupo oligárquico. Esse movimento começa a se desenhar com a emergência da ex-primeira-dama, Alexandra Tavares, nesse espaço de fala. Ela é posta como elemento que instaura uma polêmica, ao questionar valores tidos como naturais no Maranhão.

Alexandra, A Grande, como é qualificada pelo *JP*, na edição de 07 de junho de 2004, denuncia os privilégios de quem faz parte do então grupo hegemônico do Estado, em contraste com a pobreza vivenciada pela maioria dos maranhenses. Em seguida, o *JP* apresenta as mudanças realizadas por José Reinaldo na estrutura do governo, inclusive com novas designações para as pastas, como marco desse rompimento.

### **Considerações Finais**

A trajetória da família Sarney, grupo político hegemônico no Maranhão desde 1965, sofreu forte abalo com a dissidência de um dos seus filhos. José Reinaldo Tavares assumiu o governo do Estado em 2002 com a tarefa de dar continuidade ao domínio desse grupo. Mas

uma teia de eventos, representados, principalmente, pela crise entre Roseana Sarney Murad, o governador e sua esposa, Alexandra Tavares, ensejou um rompimento no fluxo de dominação política.

Essa conjuntura abriu caminho para uma disputa hegemônica, que teve nos jornais sua mais expressiva arena discursiva. A mudança social teve como marco delimitador a rearticulação dos discursos dos jornais maranhenses. A tendência de *O Estado do Maranhão* é refletir os interesses do grupo Sarney, do qual é propriedade. O *Jornal Pequeno* é histórico opositor da família.

Percebemos que o desligamento político de José Reinaldo do grupo Sarney estabeleceu novas relações, inclusive entre a política local e os meios de comunicação. A reestruturação discursiva dos jornais se deu em dois movimentos: com a ascensão de novas vozes e pela ratificação de outras no espaço jornalístico local. A escolha por um desses movimentos é marcada pelos interesses pela manutenção ou mudança da hegemonia política. Os jornais selecionam como fontes, aquelas que julgam confiáveis e enquadradas em seus propósitos.

A análise do discurso das primeiras páginas de *O Estado do Maranhão* e do *Jornal Pequeno* nos permitiu observar que esses jornais articularam estratégias discursivas para a construção de novo conhecimento sobre a política do Maranhão. N' *O Estado*, foram mobilizadas provas para caracterizar o governador José Reinaldo como um administrador incompetente e traidor. Em nossa opinião, ao tentar construir essa imagem, o jornal objetiva provocar um efeito de sentido para deslegitimar o governador.

No *Jornal Pequeno*, a relação com o governo do estado assumiu contornos de união pela derrocada da oligarquia. Observamos que o discurso do jornal tornou-se carregado de estratégias para atribuir um caráter de verdade e conseqüente construção positiva da imagem de José Reinaldo Tavares. No mercado simbólico, a figura de Alexandra Tavares passa a, cada vez mais, possuir valor de credibilidade nas páginas do *JP*.

A posição do *Jornal Pequeno*, após o rompimento do governador com a família, nos permitiu constatar que o jornal compreendeu o momento como propício para empreender a derrota do grupo até então dominante. A crise política causou uma instabilidade na organização hegemônica do Maranhão. A construção de uma nova ordem de discurso foi fundamental para alicerçar as mudanças sociais que começavam a se desenhar.

Na luta pela supremacia da significação, observamos que o objetivo final dos jornais é sensibilizar leitores com vistas às eleições. Abalizados por essa percepção, dizemos que o *Jornal Pequeno* foi vencedor nessa batalha discursiva. Nossa assertiva é embasada pelo



resultado das eleições de 2006. A candidata Roseana Sarney Murad foi derrotada pelo candidato apoiado por José Reinaldo Tavares e pelo *Jornal Pequeno*, Jackson Lago. A vitória da Frente de Libertação do Maranhão significou forte abalo na estrutura hegemônica da oligarquia Sarney.

Diante da relevância do tema, sugerimos a realização de pesquisas que possam aprofundar os estudos sobre os modos de mostrar, a partir da análise de discurso de todo o corpo do jornal; ainda, possa investigar como se dá a recepção dos enunciados proferidos pelos jornais, de forma a perceber os graus de interferência das mudanças discursivas sofridas pelos jornais na sua credibilidade frente à sociedade. Ademais, optamos, nesta pesquisa por chamar o desligamento de José Reinaldo do grupo Sarney de rompimento e não ruptura, pois acreditamos não haver uma mudança nos critérios políticos. Este é outro ponto que cabe uma análise mais aguçada.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª ed. Hucitec: São Paulo, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. 12 ed. São Paulo, Loyola, 1996.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no Jornalismo*. São Paulo: Hacker/Edusp, 2003.

PINTO, Milton José. *A retórica e a análise de discurso*. In: Comunicação Outros Olhares. Francisco Gonçalves da Conceição, Marcos Fábio Belo Matos (orgs). São Luís, NEEC, 2004. p. 12-24.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SÁ, Décio. *O fim da aventura reinaldista no PTB*. Disponível em <<[http://imirante.globo.com/colunas/colunas\\_texto.asp?codigo1=51&codigo2=12](http://imirante.globo.com/colunas/colunas_texto.asp?codigo1=51&codigo2=12)>>. Acesso em 29 de abr. de 2007.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.